

# ANTROPOLOGIA PORTUGUESA



Neste número

*Informação Bibliográfica*  
*Trabalhos publicados*  
*em 1991*

Vol.9/10  
1991-1992

---

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

## **Os Isolados Geográficos e Culturais e os Apelidos Portugueses dos Açores e da América do Norte**

**História, Demografia e Antropologia Cultural  
da doença de Machado-Joseph**

**Jorge Sequeiros**

*Genética Médica — Sector de Estudos de Populações  
Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar  
Universidade do Porto*

**Resumo.** A doença de Machado-Joseph, uma doença étnica dos portugueses, serve como «marcador» das suas migrações. A história dos Açores e das comunidades sefarditas em Portugal e os valores sócio-económicos e culturais dos luso-americanos, são fundamentais para compreender a distribuição mundial desta doença. Foram ainda identificados certos padrões de adulteração nos apelidos dos luso-americanos, cujo conhecimento pode ser importante para estudos genealógicos e genéticos.

**Palavras-chave:** Açores; Judeus; Epidemiologia genética; Isolados populacionais; Aculturação.

**Abstract.** Machado-Joseph disease is an ethnic disorder of the Portuguese and a useful marker of their migrations. The history of the Azorean islands and of the sephardic communities in Portugal, as well as of the socioeconomic and cultural values of the Portuguese in the USA, help to understand the genetic epidemiology of this disease. Some patterns in which the portuguese names became corrupted in the USA, thought to be important for genetic and genealogical studies, were identified.

**Key-words:** Azores; Jews; Genetical epidemiology; Populational isolate; Acculturation.

*E, para onde vão, levam a pátria  
às costas, embora rapidamente lhe  
enxertem o mundo alheio.*

Cavalgada Cinzenta,  
Fernando Namora.

*A LUSALândia não é um país. Não vem nos compêndios de geografia. O que não significa tratar-se de uma criação imaginária. Porque a LUSALândia existe. Como povo. Ou parte de um povo. Ou, talvez melhor, parte de dois povos. De duas civilizações. De duas maneiras de estar no mundo.*

Da Vida Quotidiana na LUSALândia,  
Onésimo Teotónio Almeida.

*No small number of these whaling seamen belong to the Azores, where the outward bound Nantucket whalers frequently touch to augment their crews from the hardy peasants of those rocky shores.*

Moby Dick,  
Herman Melville.

### **A Doença de Machado-Joseph em Açorianos e Luso-Americanos**

#### *Descobertas e Unificação*

A doença de Machado-Joseph é uma doença neurológica (uma afecção do sistema nervoso central), herdada de modo autossómico dominante. É uma doença muito incapacitante, que afecta sobretudo os sistemas motores (marcha, movimentos dos membros, fala, movimentos oculares, deglutição).

Devido à grande variabilidade clínica que a doença pode apresentar, fenótipos algo diferentes predominavam nas três grandes famílias inicialmente descritas nos Estados Unidos (a família Machado (Nakano *et al.*, 1972) e a família Thomas (Woods e Schaumburg, 1972), ou Tomás, do Massachusetts, e a família Joseph (Rosenberg *et al.*, 1976), ou Bastiana, da Califórnia (Sequeiros e Coutinho, 1981; Sequeiros, 1989a). Cada uma foi por isso considerada como uma doença «nova», apesar da origem açoriana e algumas outras características comuns. Foram necessários diversos anos e prolongadas discussões para se concluir que se tratava de uma entidade clínica e genética única (doença de Machado-Joseph, DMJ) (Coutinho *et al.*, 1977; Romanul *et al.*, 1977; Coutinho e Andrade, 1978).

*Epidemiologia da Doença de Machado-Joseph e sua Comparação com a da Paramiloidose*

A DMJ é, tal como a polineuropatia amiloidótica familiar (PAF, paramiloidose) uma «doença étnica» dos portugueses que com eles se foi difundindo pelo mundo (Sequeiros, 1986). A PAF parece ser originária, em Portugal, da zona da Póvoa de Varzim, tendo-se difundido sobretudo a partir dos núcleos piscatórios ao longo do litoral norte e centro de Portugal. A DMJ predomina nas ilhas dos Açores (1:3900 habitantes afectados), sobretudo nas Flores (1:125) e em São Miguel (1:6000), e nos EUA (1:6000 luso-americanos), sobretudo na zona de Massachusetts e Rhode Island (1:4500) e Califórnia (1:4000) (Sequeiros, 1989a e 1989b). Conhecem-se diversas famílias no nordeste transmontano e nas Beiras, onde a doença poderá ter tido origem (Sequeiros e Coutinho, 1981).

A exportação da DMJ para o continente Asiático (Japão e Índia) e Brasil poderá ter sido feita a partir dos Açores, importante plataforma da expansão colonial, ou directamente do continente. De qualquer modo, o tipo e locais de difusão da doença noutros países, sobretudo no Japão, tem muitas semelhanças com a da neuropatia amiloide hereditária (Sequeiros, 1986), um dos argumentos a favor duma antiguidade semelhante das mutações respectivas (século XV ou antes?). De realçar ainda que, até agora, não foram identificados casos de qualquer das duas doenças nas antigas colónias portuguesas do continente africano.

A distribuição mundial da PAF e da DMJ é, pois, muito semelhante (Coutinho e Sequeiros, 1989). A principal diferença reside, aliás, na incidência da DMJ nos Açores, o que determinou um padrão de distribuição epidemiológica que se prende com características sociais e culturais próprias dos açorianos. A história da DMJ na América do Norte, onde ela parece ser mais frequente do que em qualquer outro ponto do globo, é, pois a história dos Açores e dos emigrantes açorianos naquele continente.

*Origem Sefardita da Mutação Açoriana?*

A hipótese de a mutação se ter originado no interior norte de Portugal parece ser a mais plausível (Sequeiros, 1989a). Com a sua expulsão de Espanha em 1492 (Gilbert, 1978), após a reconquista de Granada pelos Reis Católicos, muitos sefarditas refugiam-se nessa zona de Portugal, de onde seria decretada a sua expulsão apenas cinco anos mais tarde.

Por vezes os judeus eram tolerados mediante o pagamento de elevados tributos. Outras vezes, apesar de perseguir a generalidade da raça, o rei mantinha conselheiros e «cirurgiões» pessoais da fé judaica. Os judeus de Bragança foram mesmo obrigados por D. Dinis a comprar terras, dentro da sua política de incrementar a agricultura nessa zona de Trás-os-Montes (Ferro, 1979). Esta foi uma situação invulgar, não só porque aos judeus raramente era permitida a aquisição de bens de raiz, mas também porque eles ficavam proibidos de os vender ou alienar. Tal facto explicava-se pela necessidade de radicar pessoas em zonas inóspitas e pouco habitadas,

e possivelmente também para defesa das fronteiras, constituindo assim uma zona tampão (o que poderá estar na origem do termo Alfândega da Fé).

É muito possível que os primeiros portadores da mutação tenham sido sefarditas que se converteram a cristãos-novos para permanecerem no nordeste onde se haviam fixado (Sequeiros, 1989a). Existem provas de que o judaísmo foi tolerado nos Açores (a Terceira tem mesmo um cemitério judaico), o que poderá ter levado à fixação de muitos deles naquelas ilhas. Tal como aconteceu nas Índias ocidentais, muitos podem ter ali interrompido a sua viagem para o continente americano, tendo assim introduzido a doença nas ilhas.

Entre os suspeitos estaria certamente a família Bastiana de Trás-os-Montes, parentes possíveis de António Jacinto Bastiana — o antepassado das Flores da família Joseph (Sequeiros e Coutinho, 1981). Uma origem da família perto de Granada, numa localidade de nome medieval Baza ou Bastiana (IJDF, 1978), e a sua vinda para Portugal após a conquista por Fernando e Isabel, são especulações tentadoras. Muitos judeus acabavam por adoptar os nomes por que eram conhecidos e que frequentemente denunciavam a sua origem — Toledano, Medina, Navarro, Vitória, Barcelonim, Castelão, Francês (Ferro-Tavares, 1984). Não foi possível, porém, encontrar o nome Bastiana (Baza ou semelhante) no levantamento dos judeus em Portugal no século XV ou entre os nomes cristãos dos conversos do mesmo período (Ferro-Tavares, 1984).

#### *Introdução da DMJ nos EUA*

A DMJ foi introduzida nos Estados Unidos sobretudo a partir dos Açores, embora seja conhecida uma família que trouxe a mutação do continente para o Massachusetts. Os baleeiros que nos Açores recrutavam as suas tripulações foram o seu grande meio de transporte para as costas este e oeste dos EUA (Williams, 1982). De São Miguel e das Flores, a partir de meados do século XIX, a mutação migrou para a América do Norte. No sul do Massachusetts e em Rhode Island e na Califórnia encontrou um meio muito fechado, pelo que aí veio a atingir frequências semelhantes às do arquipélago donde proveio (Sequeiros, 1989a). O isolamento cultural ou étnico, tal como uma ilha, pode favorecer a amplificação de um efeito de fundador (pequeno núcleo de povoadores) ou dos efeitos aleatórios da deriva genética (flutuações das frequências génicas devidas ao acaso).

Aos estados da Nova Inglaterra, a DMJ chegou de São Miguel. Guilherme (William) Machado foi, em meados do século XIX (Nakano *et al.*, 1972), um dos primeiros portadores da mutação a chegar daquela ilha. A população de São Miguel, a ilha principal e a mais cosmopolita dos Açores, ter-se-á adaptado melhor ao trabalho nas fábricas do algodão e à vida nas cidades do Massachusetts (New Bedford, Fall River, Brockton, Taunton, Norton, Raynham) e da vizinha Rhode Island (Providence, Pawtucket, Newport). Alguns, poucos, conseguiram fixar-se em quintas no Cape Cod (Falmouth, Yarmouth, Provincetown) e em Rhode Island.

A doença chegou à Califórnia vinda sobretudo das Flores. Ao contrário dos micalenses, a maior parte dos outros açorianos preferiram a emigração para a

Califórnia, onde era mais fácil a aquisição de terrenos para a agricultura. Antone Joseph pode ter sido o primeiro portador da mutação a chegar aos EUA (em 1844), introduzindo-a na comunidade portuguesa da Califórnia (Rosenberg *et al.*, 1976; IJDF, 1978). Não foi esta, porém, a única fonte de transmissão da doença, já que outros imigrantes a trouxeram das Flores. Há ainda numerosos casos de residentes no Massachusetts que mais tarde se radicaram na Califórnia. Apesar da maior abertura, houve também na Califórnia um isolamento acentuado; foi, porém, maior a dispersão rural, mais rápida a aculturação e maior a mistura com outras populações. Essa poderá ser uma das razões de se encontrar na Califórnia a maioria das famílias sem ascendência portuguesa conhecida.

A partir das duas principais comunidades luso-americanas a doença estendeu-se gradualmente a outros estados americanos: na costa do Atlântico (desde o Maine até à Florida), em toda a região do Pacífico (incluindo o Alaska e o Hawaii) e em muitos dos estados interiores (27 dos 50 estados americanos e Washington, D.C.) (Sequeiros, 1989a e 1989b). Ao fim de várias gerações, uma vez acelerado o rompimento do isolado cultural, a mutação mostraria um comportamento diferente do que manteve no isolamento das ilhas açorianas ou das comunidades luso-americanas (Sequeiros, 1989c)

Para se compreenderem as proporções que a doença atingiu no Massachusetts e na Califórnia, e sua comparação com a situação nos Açores, tornou-se pois importante o conhecimento da história do arquipélago e dos parâmetros sociais, culturais e económicos que marginaram a vida dos luso-americanos (Sequeiros, 1989a). Particularmente formadas por açorianos, estas comunidades constituíram, pelo menos durante certo tempo, verdadeiros isolados socio-culturais, semelhantes aos isolados geográficos das ilhas e onde a vida dos Açores foi em muitos aspectos reproduzida.

### **Descoberta e Colonização do Arquipélago dos Açores**

#### *A Posição Geográfica (e Mitológica) das Ilhas*

Os Açores, arquipélago de nove ilhas no meio do Atlântico Norte, repartem-se em três grupos, estendendo-se quase em linha com Lisboa e Washington. Sentinelas do Atlântico (o «Mar Tenebroso»), os Açores viram partir as caravelas para a descoberta das Índias e saudaram o regresso de Cristóvão Colombo da sua viagem de 1492. São as únicas protusões no hemisfério norte da crista montanhosa submarina que se estende entre a Islândia e o Antártico (Guill, 1972). O fascínio pela sua beleza natural e origem vulcânica e a sua situação geográfica já levaram a que aí se tenha querido situar o Jardim das Hespérides dos Gregos, os restos da perdida Atlântida de Platão ou mesmo o Paraíso (também perdido) de Adão e Eva.

Quer a mitologia, quer a sua situação «estratégica» têm tido, de resto, muito a ver com a sua história e a dos seus habitantes. Vários mitos e lendas se ligaram com a descoberta dos Açores, de data aliás controversa. Segundo Martin Benheim, um

arcebispo do Porto teria descoberto a ilha de Antilha no ano de 734 (na fuga aos mouros que haviam invadido a Península Ibérica); com seis outros bispos e muitos outros cristãos fundaram aí as Sete Cidades (Silveira Cardozo, 1976). Outras lendas de terras fantásticas, que a tradição implantava sempre mais para ocidente, eram a das Ilhas Afortunadas e a da Ilha Nova, o Brasil e a Califórnia, e outros lugares míticos que prometiam sempre abundantes riquezas (Guill, 1972). A Lagoa das Sete Cidades ou o Monte Brasil lembram ainda hoje (em São Miguel e na Terceira) alguns desses mitos de outrora. A situação geográfica dos Açores e a construção de novos mitos estão ainda na origem da sua descoberta e colonização, assim como da emigração dos açorianos para outras terras mais ocidentais.

### *A Descoberta do Arquipélago*

Um certo mistério envolve ainda a tardia (re)descoberta e colonização dos Açores, em cuja origem estariam, porém, razões bem mais práticas e concretas — a vontade do Infante em defender os seus conhecimentos e planos da cobiça de castelhanos, catalães, genoveses e venezianos. Os Açores, como a Madeira, viriam a ser importantes plataformas para a conquista de praças no norte de África e para a expansão colonial portuguesa.

A ilha de Santa Maria, a mais oriental (cerca de 1120 km da costa portuguesa), foi a primeira a ser descoberta, em 1432; muito próxima (e com ela constituindo o grupo oriental) fica São Miguel, a maior das nove ilhas. No extremo oposto fica a pequena ilha das Flores, já próxima de meio caminho entre o velho e o novo mundo (cerca de 1600 km de Portugal e apenas 2100 km da Terra Nova); muito perto fica o Corvo (Guill, 1972). No meio, e relativamente próximas entre si, ficam as restantes ilhas — o grupo central (Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico e Faial).

A colonização das ilhas, de este para oeste, começaria apenas sete anos após a sua (re)descoberta, servindo como experiência de povoamento e exploração mercantil (Pereira da Costa, 1984). Primeiro foram colonizadas Santa Maria (1439) e São Miguel (1444). O Infante procurava uma passagem para a Índia não apenas contornando a costa de África, mas também através da Gronelândia (Cortesão, 1940). Foi no regresso da Terra Nova, após uma dessas tentativas, que Diogo de Teive descobriu as ilhas das Flores e Corvo, completando assim, um quarto de século mais tarde, o reconhecimento do arquipélago (Ávila de Azevedo, 1984).

### *A Colonização dos Açores*

Os primeiros colonos de Santa Maria e São Miguel eram, na sua quase totalidade, do sul de Portugal (em particular do Algarve); tanto incluíam bons velhos cristãos, como «cristãos-novos» (muçulmanos e, provavelmente, judeus) mais ou menos forçadamente convertidos ao catolicismo — uma condição imposta pelo Infante D. Henrique. Incluídos estavam também alguns ex-presos e alguns (poucos) escravos. A maioria dos restantes açorianos provieram da Flandres, Bretanha, Escócia, Irlanda

e Itália. Uns eram refugiados de guerras e perseguições políticas, outros eram simples aventureiros, alguns eram mesmo ricos mercadores e negociantes de outras potências marítimas como Génova ou Veneza (Guill, 1972).

Com a tomada de Ceuta em 1415, fechara-se o estreito de Gibraltar aos mouros. As ilhas atlânticas passaram a representar uma plataforma importante para a expansão no norte de África (onde o Infante pensava vir a aliar-se às forças cristãs do Prestes João) e a abertura de novas rotas comerciais. Em 1439 Gonçalo Velho Cabral é designado para chefiar a primeira expedição; para engrossar a força de trabalho e os contingentes de colonos, pede ao Infante que liberte presos por crimes menores que, com alguns nobres aventureiros, embarcam para Santa Maria. Com a prosperidade do comércio em África, os pequenos portos da ilha deixam de poder abarcar as numerosas naus envolvidas. Assim, em 1444, Gonçalo Velho faz-se a uma ilha mais ao norte que baptiza como São Miguel por ser o dia da festa do arcanjo desse nome, aí deixando mantimentos e colonos (Guill, 1972).

Nessa altura, Joana D'Arc conduzia as suas tropas contra os ingleses, em plena Guerra dos Cem Anos. A Borgonha, um ducado central de França, era um aliado (embora incerto) dos ingleses, uma aliança forjada pelo casamento de Filipe-o-Bom com D. Isabel (uma Lencastre), filha de D. João I e irmã do Infante D. Henrique. A Flandres, com quem Portugal de há muito mantinha relações comerciais privilegiadas, era então uma possessão da Borgonha; subjugada a um domínio indesejado e despótico, que sujeitava a sua burguesia e nobreza a constantes humilhações, via-se agora transformada em campo de batalha na prolongada guerra entre franceses e ingleses.

D. Isabel consegue de seu irmão a concessão de asilo nos Açores para refugiados flamengos, entre os quais se encontravam vários membros de famílias distintas. Foram o Faial e São Jorge que receberam o maior número de colonos da Flandres (Silveira Pires, 1968). Jobst van Huerter (Josse de Hurtere), senhor de Moerkerchen e panadeiro de D. Isabel (Silveira Pires, 1968), foi nomeado capitão-donatário do Faial, Pico e São Jorge (Guill, 1972). Jácome de Bruges, um conde flamengo que vivia há 20 anos no Porto ao serviço de D. Henrique, recebeu deste em 1450 a capitania da Terceira (Silveira Pires, 1968). A Graciosa foi entregue a Pedro Correia, um nobre português, cunhado de Cristóvão Colombo; Willem van der Haegen, um dos tenentes de Josse de Hurtere, foi encarregado de colonizar as Flores e o Corvo (Guill, 1972; Verlinden, 1984). A estes capitães-donatários era dado o poder de povoar as ilhas com colonos da sua escolha, sob condição de serem católicos, o que poderia ter em vista, sobretudo, uma selecção entre os flamengos refugiados da Guerra dos Cem anos (Verlinden, 1984). Há no entanto indícios de que o judaísmo tenha sido tolerado nas ilhas, pelo menos durante algum tempo; a Terceira tem mesmo um cemitério judaico (Guill, 1972).

As pronúncias e coloquialismos que se ouvem hoje nas ilhas testemunham as diferentes colonizações. Nomes como Bettencourt, que vieram das Canárias após troca de propriedades, e Drummond, que pertenciam à casa real escocesa (Guill, 1972), ou ainda Silveira (van der Haegen), Brum (van der Bruyn), Rosa (Roose), Goulart

(Govaert), Terra (van Aard Aertrycke), Bulcão (Bulscam), Armas (Herman) e Pasteleiro (Silveira Pires, 1968), são alguns nomes de colonos (bretões, escoceses e flamengos) que podem ainda hoje ser encontrados nos Açores e na América do Norte.

### A Emigração dos Açores para a América do Norte

#### *O Início da Emigração dos Açores*

O subpovoamento do Brasil e colónias de África facilitou a sua tomada pelos holandeses, durante a ocupação espanhola de Portugal. Após a Restauração, a recuperação dos territórios perdidos e reforço dos ameaçados foi tentada através do envio de tropas e de um maior incentivo à colonização. A população dos Açores ascendia então a mais de cem mil habitantes e o superpovoamento fazia-se já sentir (Guill, 1972), pelo que os açorianos foram parte considerável desses soldados e colonos. A estas ilhas superpovoadas começam a chegar contos de terras sem fim no Brasil e de enormes riquezas em ouro, marfim e escravos em Angola e Moçambique: seria o início da chamada «grande emigração», que na parte final do século XVII teve novo acréscimo com a descoberta de ouro em Minas Gerais. No entanto, o superpovoamento continuava e fomes periódicas assolaram as ilhas a partir de 1680, conduzindo a revoltas e incentivando a emigração, sobretudo para Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Guill, 1972). Desde então, a emigração de açorianos, sobretudo para os EUA e Canadá, não mais cessaria.

#### *Os Primeiros Portugueses nos Estados Unidos da América*

Miguel Corte Real, que com o pai e o irmão Gaspar descobrira a Terra Nova, empreendeu uma nova viagem (1502) à América do Norte para descobrir o paradeiro do irmão, cuja nau não regressara da viagem anterior, mas aí se terá ele próprio perdido também. Numa inscrição, datada de 1511 e só muito recentemente decifrada, na chamada «Pedra de Dighton» (Massachusetts), pode, porém, ler-se que «Miguel Corte Real, por vontade de Deus», se tornou, ali, «chefe dos índios». Miguel Corte Real poderá ter sido, pois, o primeiro colono europeu dos actuais EUA (Silveira Cardozo, 1976), mais de um século antes da chegada do «Mayflower» (1620), conforme a comunidade portuguesa local gosta de lembrar (Tavares, 1973).

Entre os tripulantes que com Cristóvão Colombo chegaram à América em 1492, seguia um João Aires, de Tavira (Silveira Cardozo, 1976). Estevão Gomes, natural do Porto, piloto-chefe de Fernão Magalhães, alcançou Cape Cod em 1525 (Silveira Cardozo, 1976). O espanhol de Soto chegou à Florida em 1539; na expedição seguiam 100 portugueses, entre eles António de Vasconcelos da Silva (o fidalgo de Elvas) que chegou ao Texas, onde faleceu, deixando a primeira descrição (em português) conhecida desses territórios (Silveira Cardozo, 1976). João Rodrigues Cabrilho, ao serviço dos espanhóis, foi o descobridor da Califórnia (1542) numa expedição enviada pelo primeiro vice-rei do México. Luís de Góis levou o tabaco da América para Lisboa (1545), de onde o embaixador francês Jean Nicot (de quem

deriva o termo nicotina) o divulgaria pela Europa (Silveira Cardozo, 1976). Estes foram alguns dos primeiros portugueses na América do Norte.

#### *Os Sefarditas Portugueses Fundadores das Comunidades Judaicas nos EUA*

Depois destas passagens, mais ou menos episódicas, só dois séculos mais tarde voltamos a ter notícia da presença de portugueses na América do Norte. No século XVIII registam-se importantes núcleos de judeus sefárdicos de origem portuguesa nos EUA. Vinham, em regra da Holanda, para onde emigraram devido às perseguições da Inquisição. Foram, aliás, judeus portugueses os fundadores da comunidade judaica americana. Alguns deles haviam acompanhado os holandeses na conquista do Brasil durante a ocupação filipina de Portugal; com a perda do poder holandês, 23 judeus deixam o Recife e chegam a 26 de Janeiro de 1654 a Nova Amsterdão (agora Nova Iorque) então sob o domínio holandês (Silveira Cardozo, 1976; San-Payo, 1985).

Em 1658, quinze famílias de judeus portugueses e espanhóis chegam a Newport, RI; foram eles os responsáveis pela introdução da Maçonaria nas colónias que formariam os EUA (Silveira Cardozo, 1976). Um novo grupo, vindo de Barbados, estabelece-se em 1677 em Newport (San-Payo, 1985); vários outros se lhes juntariam vindos de Curaçao, Holanda, Brasil e Portugal, um dos quais após o terramoto de Lisboa de 1755 (Silveira Cardozo, 1976). É possível que alguns deles tenham vindo dos Açores.

Também nos dois mais antigos cemitérios judaicos dos EUA, Newport e Nova Iorque, podem encontrar-se numerosas pedras tumulares com inscrições em português. O português seria aliás utilizado por aquelas duas comunidades até à segunda metade do século XVIII (Silveira Cardozo, 1976). O primeiro censo americano (1790) regista já diversos nomes portugueses, a maioria obviamente judeus, em Nova Iorque, Filadélfia, Rhode Island, Carolina do Sul e Virgínia (Silveira Cardozo, 1976). David Mendes Machado, nascido em Lisboa, tornou-se, em 1734, rabi da comunidade de Nova Iorque (Silveira Cardozo, 1976). Aaron Lopes, um famoso judeu de origem portuguesa, chegou a Newport em 1752, onde se tornou um dos mais ricos comerciantes e armadores da sua época. Foi um dos fundadores da Sinagoga de Newport (1759), a mais antiga dos EUA (San-Payo, 1985). Iniciou ainda a indústria da pesca da baleia local, na qual chegou a possuir cerca de trinta barcos, tripulados por açorianos (Silveira Cardozo, 1976).

#### *A Emigração dos Açores para os Estados Unidos*

Barcos americanos frequentavam os Açores desde a Guerra da Independência, aí se abastecendo de água e provisões, criando um contacto directo com os habitantes (Guill, 1972). Mas seria a pesca da baleia, pelo recrutamento das tripulações, que viria a ter um papel fundamental na emigração de açorianos para os Estados Unidos, e em particular para os estados da Nova Inglaterra e da Califórnia. A corrida ao ouro na Califórnia viria, um pouco mais tarde, juntar novo atractivo à emigração dos

açorianos. Entre 1821 e 1977, 434517 portugueses, sobretudo açorianos, emigram para os EUA, segundo o Departamento de «Immigration and Naturalization Service» (1977). O maior número foi atingido entre 1911 e 1920. No censo de 1930, da população dos EUA, 350 mil pessoas declararam-se nascidas portuguesas ou com um antepassado português; residindo 40% na Califórnia e os 60% restantes, essencialmente, nos estados da Nova Inglaterra.

O encerramento dos portos americanos à imigração, em 1922, diminuiu muito o fluxo migratório. Este voltou a aumentar consideravelmente na segunda metade dos anos sessenta com o «Immigration and Naturalization Act», em 1966, que permitia a imigração de parentes próximos. Cerca de 90 mil portugueses chegaram assim aos EUA nos anos seguintes, ocupando o sexto lugar entre os imigrantes das várias nacionalidades (Tavares, 1973). As erupções vulcânicas e os tremores de terra nos Açores constituíam também factores episódicos no aumento dessa emigração. Ao abrigo de uma lei de refugiados, 4811 açorianos chegam aos EUA após a erupção vulcânica no Faial em 1957; mais 2500 chegam ao abrigo de lei semelhante de 1961 (Silveira Cardozo, 1976). Tradicionalmente avessos ao serviço militar, muitos jovens açorianos imigraram clandestinamente antes da sua incorporação (Williams, 1982). A grande pobreza dos camponeses, a falta de meios para uma agricultura eficaz, o superpovoamento e as fomes periódicas seriam outras razões fundamentais para a emigração dos açorianos.

Hoje, enquanto a população das ilhas ascende a cerca de 253.500 (Centro de Estudos Demográficos, 1987), vivem nos EUA entre milhão e meio (U.S.Bureau of the Census, 1983) e três milhões (Guill, 1972) de pessoas de ascendência portuguesa, distribuídas sobretudo pela nova Inglaterra e Califórnia (sendo as maiores concentrações no sul do Massachusetts e em Rhode Island, e na zona da baía de São Francisco, no norte da Califórnia).

#### *O Papel dos Baleiros da Nova Inglaterra na Emigração*

Em 1765, os barcos de Nantucket estenderam as suas operações de pesca da baleia até aos Açores (Silveira Cardozo, 1976). Em 1795 havia já um cônsul dos EUA na Horta, Faial (Guill, 1972), o que mostra que as trocas comerciais eram frequentes. Cerca de 1830, é estabelecido o comércio entre os Açores e New Bedford e começa a emigração para o que era então o principal porto baleeiro da costa este (Silveira Cardozo, 1976). Após 1860 chegaram as primeiras vagas de imigrantes (Tavares, 1973).

O preço da viagem entre os Açores e os EUA era, nessa altura, de 25 a 40 dólares (Tavares, 1973), certamente impraticável para a maioria dos açorianos. Muitos recorriam a empréstimos que tentariam depois pagar com os primeiros salários que eram então, numa fábrica de algodão, entre 2 e 7 dólares semanais (Tavares, 1973). Não admira, pois, que muitos procurassem os baleiros como forma de possibilitar essa viagem (Williams, 1982). No fim da campanha, assim que tocavam os portos americanos, a maior parte desertava para procurar alojamento e trabalho. Os baleiros

de Nantucket e New Bedford serviram assim como transporte lento, mas acessível, na emigração dos Açores para o Massachusetts (Williams, 1982; Guill, 1972; Silveira Cardozo, 1976; Vaz, 1965; Tavares, 1973).

#### *As Ocupações dos Açorianos nos EUA*

Durante os séculos XVIII e XIX, homens dos Açores são empregados em baleeiros de todo o mundo (Silveira Cardozo, 1976) que os procuram e recrutam nas ilhas. Os açorianos vieram mesmo a ter um papel fundamental no desenvolvimento de estações de pesca da baleia nos EUA, fornecendo a maioria das tripulações de algumas, dominando por completo outras, e fundando até, sobretudo na Califórnia, alguns dos seus centros principais. Em 1894 a frota pesqueira de Provincetown, Massachusetts, é dominada como muitas outras por açorianos; capitães e tripulações são quase inteiramente açorianos; de apenas um punhado em 1840, a população local de origem portuguesa atinge nessa altura mais de 2000 (Silveira Cardozo, 1976).

Mas os açorianos foram sempre sobretudo agricultores. Se se engajavam nas tripulações dos baleeiros americanos era para uma viagem (de ida apenas) até às costas americanas. O sonho da maioria era o de retomar a profissão anterior e adquirir, assim que possível, um pedaço de terra para cultivar. Chegados à Nova Inglaterra, estados de colonização mais antiga, tornava-se-lhes em regra difícil adquirir terras. Dada a falta de outras aptidões, restava-lhes o trabalho indiferenciado nas fábricas de algodão do Massachusetts que começava a ser desprezado por irlandeses e franceses. Alguns, porém, conseguiam fixar-se em quintas do Cape Cod, enquanto outros partiam em busca de terras na Califórnia (Tavares, 1973). Na costa oeste, os açorianos ocuparam-se, sobretudo, da terra, da criação de gado e da indústria dos lacticínios, além das pescas.

#### *Factores Determinantes do Padrão de Distribuição dos Portugueses nos EUA*

Os primeiros pescadores da baleia portugueses chegaram a New Bedford durante a primeira metade do século XIX e as suas famílias juntar-se-lhes-iam na segunda metade (Tavares, 1973). A maioria dos recém-chegados de São Miguel e de Santa Maria, acabariam por empregar-se nas fábricas de New Bedford e Fall River (os principais centros da indústria do algodão), ou ainda em outras cidades próximas como Taunton e Cambridge, Massachusetts, ou Providence, Rhode Island (Tavares, 1973). Alguns dos provenientes da Terceira, São Jorge, Pico e Faial, fixar-se-iam na indústria baleeira de New Bedford, mas a maioria acabaria por seguir até à Califórnia, de novo a bordo de baleeiros. Os habitantes das Flores parece terem também escolhido, sobretudo, a Califórnia. Os madeirenses preferiram as ilhas Sandwich (Hawaii) e os caboverdianos fixaram-se sobretudo em Cape Cod (Tavares, 1973).

A pesca da baleia, cujos centros principais se situaram no Massachusetts e, mais tarde, na Califórnia, seria, portanto, um dos factores fundamentais na determina-

ção do padrão de fixação dos portugueses nos EUA. As diferenças entre as ilhas (no clima, no grau de contactos externos, no seu grau de desenvolvimento), responsáveis por diferentes experiências, temperamentos e aberturas de pensamento, poderão ter ditado as diferenças na fixação dos emigrantes das diversas ilhas atlânticas.

#### *A Corrida ao Ouro na Califórnia*

Em 1849 aparece no Porto um folheto de 18 páginas (em português) sobre a Califórnia, sua história e geografia, as minas de ouro e o clima ameno, a fertilidade da terra e os meios para lá chegar. Em 1850 contam-se 109 portugueses na Califórnia; em 1860 são já 1560 (sendo 1717 as pessoas da ascendência portuguesa) (Silveira Cardozo, 1976). Em 1880, o censo da população regista na Califórnia 13159 pessoas de ascendência portuguesa, 7999 das quais nascidas no estrangeiro (Silveira Cardozo, 1976).

Entre as duas grandes comunidades portuguesas dos EUA (Nova Inglaterra e Califórnia), separadas por uma enorme distância, pelo clima, pelo tipo de ocupação, e até por proveniências algo diferentes, existia apesar de tudo uma certa comunicação, muitas vezes alicerçada nos laços familiares que as uniam. O tempo foi, porém, diluindo estas ligações e aumentou ainda mais o isolamento das duas comunidades.

### **As Comunidades Portuguesas da América do Norte**

#### *A Comunidade Portuguesa do Massachusetts*

Já na guerra civil americana se encontram dois nomes portugueses no «Massachusetts Honor Roll»: Elisha N. Avila e Antone Frates, falecidos em 1862 (Silveira Cardozo, 1976). Foi contudo a partir da década seguinte e até aos anos vinte, e de novo durante os anos sessenta, que se iniciaram as grandes vagas de emigração dos Açores para a Nova Inglaterra. Fall River é hoje uma cidade maioritariamente portuguesa (cerca de 60% da população), com muitas características portuguesas, com diversos restaurantes típicos e casas de fado, padarias especializadas nos diversos pães regionais (sobretudo açorianos), fábricas de chouriços («linguiça»). E até há poucos anos, fazia-se em muitas casas a matança do porco em cada inverno.

Em 1924, Fall River era já um dos mais importantes centros de actividade dos portugueses, com três jornais de língua portuguesa, quatro bancos próprios, cinco sociedades beneficentes, sete paróquias católicas e dezenas de clubes cívicos, culturais, recreativos e desportivos (Silveira Cardoso, 1976). No princípio da década passada, Fall River era uma comunidade de 100 mil pessoas, com 4 hospitais, 20 centros recreativos, 65 escolas e 80 igrejas (Tavares, 1973), onde os portugueses representavam já 20% do professorado e ocupavam importante papel nas profissões liberais e inúmeros cargos administrativos e políticos locais (Tavares, 1973). Fall River teve o primeiro Mayor de ascendência portuguesa dos EUA. Era muito diferente, porém, a sua realidade nos finais do século passado e inícios deste: em 1900 apenas um em 60 médicos e dois professores de Fall River eram descendentes de portugueses (Silveira

Cardozo, 1976); em 1915 contavam-se entre os portugueses de Fall River um actor, um advogado, cinco enfermeiras, oito médicos, oito músicos, nove professores, dez dentistas, vinte e sete padres, oitenta e dois empregados de mesa e bares e quatrocentos e quarenta serventes (Tavares, 1973).

Muito próxima da região de New Bedford e Fall River, no sul do Massachusetts, fica o pequeno estado de Rhode Island onde, em proporção com a população total, há mais portugueses que em qualquer outro estado americano. A publicação, em 1974, pelo Department of Motor Vehicles de Rhode Island, do primeiro manual de condução automóvel em português dos EUA, é um bom indicativo do número de imigrantes recentes desse estado.

### *Os Portugueses na Califórnia*

Enquanto 93% dos portugueses da Nova Inglaterra são urbanos (Tavares, 1973), na Califórnia são predominantemente rurais. Vários factores contribuíram para a fixação dos açorianos na Califórnia — 90% da população de origem portuguesa daquele estado (San-Payo, 1985) — os duros invernos da Nova Inglaterra e o clima mais ameno da Califórnia não seriam dos menos importantes, mas também aqui a pesca da baleia (na costa do Pacífico) viria a ter grande importância. Mais tarde, a corrida ao ouro na Califórnia veio juntar outro importante motivo de atracção de emigrantes.

O primeiro pioneiro português conhecido na Califórnia foi António José Rocha que em 1815 (30 anos antes de Antone Joseph) desertou do «Columbia» em Monterey (Silveira Cardozo, 1976); foi o primeiro residente estrangeiro de Los Angeles (San-Payo, 1985). Antes da guerra com o México (1846), muitos açorianos naturalizaram-se mexicanos, dado que aos estrangeiros não era permitido comprar terras (San-Payo, 1985). Antes de 1887 já se celebravam as Festas do Divino Espírito Santo na Zona da baía de São Francisco (Silveira Cardozo, 1976). Com o declínio dos portos da costa este, São Francisco tornou-se o principal porto baleeiro e a sua região o novo pólo de fixação dos açorianos. Centenas de homens inscreveram-se nos baleeiros de New Bedford que operavam no Ártico a partir do Alaska, para em São Francisco abandonarem o navio e se juntarem à corrida ao ouro na Califórnia (Silveira Cardozo, 1976). Entre eles estava António Jacinto Bastiana (Antone Joseph) (IJDF, 1978; San-Payo, 1985).

A pesca da baleia na Califórnia começou em Monterey, em 1851. Um ano antes, António Vitorino foi encarregado da construção de uma dessas estações (Silveira Cardozo, 1976). Em 1858 mais de sessenta baleeiros operavam a partir da Califórnia, a maioria dos quais com tripulação quase exclusivamente portuguesa. A última dessas estações, fundada por José Machado em 1865, fechou em 1892 (Silveira Cardozo, 1976).

Como o fazia já a maioria, também esses açorianos passam então a dedicar-se à agricultura, sobretudo aos lacticínios, competindo com holandeses e dinamarqueses. Por volta de 1920 os portugueses ocupavam o terceiro lugar como proprietários de

terras na Califórnia; entre 1920 e 1960, 65% das quintas dedicadas à produção de lacticínios pertenciam a portugueses (Silveira Cardozo, 1976). Em 1939, 75% do gado é controlado por portugueses que ocupavam o primeiro lugar entre os produtores de leite do estado (34% em 1974, seguidos pelos holandeses com 24%) (Silveira Cardozo, 1976). Incapazes de comprar grandes ranchos, muitos guardavam e alimentavam o seu gado em currais, como em Portugal, iniciando um novo tipo de exploração que se tornou muito popular (Williams, 1982). Outros açorianos passam a dedicar-se a outros tipos de pesca. A América Tunaboat Association foi criada em 1923 por portugueses, os responsáveis pelo início da pesca ao atum na Califórnia — região de San Diego (Silveira Cardozo, 1976) — onde Point Loma, principal centro piscatório de portugueses, se tornou conhecida como «Tunaville» (Williams, 1982).

Outro ponto de escolha dos açorianos foram as ilhas do Hawaii. A história dos portugueses nestas ilhas está relacionada com a Califórnia, muito próxima. Entre 1911 e 1914, dois mil portugueses trocaram o Hawaii pela Califórnia em virtude das más condições da agricultura (Silveira Cardozo, 1976). Em 1875 havia mais de 400 portugueses no Hawaii, sobretudo açorianos que ali haviam desertado dos seus navios (Silveira Cardozo, 1976). No ano seguinte as autoridades locais de imigração decidem pagar os custos das viagens a 200 madeirenses (Silveira Cardozo, 1976). Em 1899 tinham chegado ao Hawaii 12780 portugueses; em 1910, era superior a 21 mil o número de imigrantes portugueses (Silveira Cardozo, 1976). Hoje, são o terceiro grupo da população ocidental do Hawaii.

### *Os Portugueses no Canadá*

João Álvares Fagundes navegou em 1520 ao longo da costa sul da Terra Nova, descobrindo diversas ilhas, e fundando, um século antes dos ingleses, um estabelecimento permanente naquele continente. Para isso recrutou colonos do Minho e dos Açores que, atravessando o Atlântico entre 1521 e 1523, se fixaram na ilha de Cape Breton. Quando os índios se tornaram hostis, Fagundes e os seus colonos deslocaram-se para sul, ao longo da costa da Nova Escócia, fixando-se na baía de Fundy (Silveira Cardozo, 1976). Poucos anos mais tarde, porém, já nada restava desta colónia primitiva (Morrison, 1971).

Nos últimos trinta anos, a comunidade portuguesa no Canadá cresceu significativamente, sobretudo sob o Immigration Act de 1952, que permite a imigração de parentes de nacionais; 70% são provenientes dos Açores, com relevo para os de São Miguel e Flores (Anderson e Higgs, 1976). A maior das comunidades açorianas localiza-se em Toronto; outros importantes agrupamentos existem em London, Hamilton, Kitchener, Montreal, Winnipeg, Calgary e Vancouver (MacLeod *et al.*, 1984).

## **Antropologia Cultural dos «Isolados» Portugueses dos EUA**

### *A Formação dos «Isolados Socioculturais»*

O desconhecimento da língua, as dificuldades na adaptação a costumes tão diversos dos seus, o trabalho em fábricas ou em quintas muito próximas, e uma certa auto-suficiência dentro da comunidade conduziram à formação de agregados muito

fechados, comparáveis do ponto de vista da genética de populações às ilhas que a maioria antes habitava. A própria organização da sociedade americana forneceu um terreno fértil para a formação e consolidação desses isolados. Há aí, sem dúvida, um grande potencial para a miscigenação das raças e das populações. Contudo, preconceitos raciais importantes, barreiras religiosas e linguísticas e outras diferenças culturais significativas, para além de níveis educacionais muito diversos entre populações diferentes na origem e antiguidade de emigração, têm contribuído muito para retardar essa mistura.

Os valores americanos são, fundamentalmente, os da maioria protestante anglo-saxónica. Além de um grande puritanismo, assentam num forte nacionalismo e no orgulho racial e étnico, a que outras nacionalidades de origem europeia não escapam. O culto da individualidade e da diversidade são propícios à manutenção (em meio mais ou menos fechado) de outras culturas nacionais europeias. País de história e tradições recentes, os EUA tendem a exaltar como suas as tradições, história e valores culturais dos países europeus que os colonizaram. Nacionalidade rica nesses valores próprios, os portugueses dos Estados Unidos não cessam de o demonstrar, mesmo que no seu velho país assim não fosse, procurando competir com o orgulho e a exaltação patrióticos de ingleses, alemães, franceses, irlandeses, italianos, russos e polacos, contrapondo-lhes a sua cultura. Num país onde o estatuto social varia muito, dependendo, em larga medida, da origem racial e étnica, ser-se europeu é, apesar de tudo, um privilégio. A sociedade americana é, de facto, mais do que o propagandeado «melting pot», uma manta de retalhos (de padrões e qualidades muito diversas). As velhas etnias e nacionalidades refugiam-se, ou são empurradas, para bairros próprios e em torno de valores culturais específicos. Todos estes factores tenderam a acentuar a agregação e o isolamento dos luso-americanos, e fizeram deles uma comunidade muito peculiar, tendo pouco em comum com comunidades portuguesas de outros países; a esta diferença não será certamente alheio também o facto de serem maioritariamente açorianas.

Geralmente nacionalizados americanos ao fim de pouco tempo, estes imigrantes e os seus descendentes continuam após várias gerações a afirmarem-se portugueses e, muitas vezes, a falar (sem sotaque) o português. A transplantação de famílias inteiras, a língua e a cultura portuguesas, promovidas por organizações associativas próprias, e a religião católica e a Igreja têm sido muito eficazes em cimentar a coesão da comunidade e, conseqüentemente, firmar o seu isolamento dos outros grupos populacionais.

### *A Imigração Familiar*

É muito frequente os imigrantes chamarem os pais, filhos e outros familiares para junto de si, ou acolher e proteger amigos, vizinhos ou simples conterrâneos seus. É mais fácil começar uma nova vida num país tão diferente quando se tem já lá parentes ou amigos para dar uma mão e alojamento temporário. Habitualmente, o homem emigra primeiro para arranjar emprego, casa e mobília estritamente

indispensável, para mais tarde poder pagar a vinda do resto da família. Não tarda que seja a sua vez de atrair e alojar provisoriamente novos imigrantes. As leis da imigração de 1966 vieram, aliás, favorecer a emigração de parentes deixados nos Açores. Também os sismos, que periodicamente abalam os Açores, provocam muitas vezes a emigração de famílias e, por vezes, de aldeias inteiras que, uma vez nos EUA, continuam a viver juntas. Esta imigração favorece a ligação entre agregados familiares, parentes e amigos, reproduzindo-se assim muitas vezes as estruturas sociais e culturais que os uniam nas ilhas. Quer em localidades da Nova Inglaterra, onde ruas e bairros inteiros são habitados por portugueses, quer na Califórnia, onde se estabelecem em quintas muito próximas, as ligações familiares e a proximidade física foram factores importantes no estabelecimento e manutenção dos novos «isolados».

### *A Língua e a Cultura Portuguesas*

Dada a grande concentração de portugueses, o açoriano recém-imigrado em certas zonas do Massachusetts e Rhode Island não necessita de aprender logo o inglês, e muitas vezes não chega a fazê-lo. O conhecimento do inglês, tal como o nível de educação, não parece ter efeito no nível económico dos imigrantes e, a tê-lo, será no sentido negativo (Pereira, 1985), talvez porque os trabalhos mais leves, procurados pelos mais instruídos, são menos bem pagos. Os seus vizinhos são portugueses, como portugueses são muitos dos colegas de trabalho e, por vezes, até os patrões. As missas são em português. O padeiro e o merceeiro, o dono do supermercado e do talho, do café e da tabacaria, enfim ruas inteiras falam português, como português se fala e ensina aos seus filhos nas escolas. Também na Califórnia, o isolamento rural e a agregação em quintas e empresas de lacticínios, favoreceram, durante muito tempo, a manutenção do português como primeira língua. Publicam jornais em português, iniciam programas de rádio e televisão em português, organizam-se em uniões, fraternidades e outras associações mútuas e de carácter vincadamente cultural. Divulgam estudos históricos, etnológicos e religiosos, promovem os seus próprios heróis, políticos e cardeais. O 13 de Maio ou o 10 de Junho são tão comemorados nessas comunidades como o 4 de Julho ou St. Patrick's day.

O «Jornal de Notícias», que aparece cerca de 1877 na costa este, foi o primeiro jornal português dos EUA (Silveira Cardozo, 1976). Desde então apareceram numerosíssimas publicações, com as mais variadas periodicidades e orientações: jornais noticiosos diários, semanários informativos sobre as comunidades, jornais humorísticos e satíricos, revistas culturais, boletins religiosos e das fraternidades, e outros. No Quadro 3.1. são indicados alguns exemplos da imprensa portuguesa dos EUA, indicando-se sempre que possível as datas da sua fundação e desaparecimento. Muitos tiveram uma vida efémera; uns desapareceram apenas para dar lugar a outros de nome diferente. Vários outros publicam-se ainda hoje, por vezes com tiragens e impacto consideráveis. O seu propósito tem sido o de manter coesa uma comunidade, lembrando-lhe a sua herança cultural, manter e promover a língua, e servir de importante meio de comunicação entre os imigrantes recém-chegados e o seu novo

ambiente. O «Jornal Português» e a «Voz de Portugal» são os dois maiores jornais luso-americanos da Califórnia, chegando a mais de 500 mil pessoas (Vaz, 1965). O «Novidades» de Fall River e o «Luso-Americano» de Newark são os mais importantes da costa este (Tavares, 1973); o segundo mantém uma enorme audiência nos EUA e Canadá, e correspondentes e delegações em diversas cidades americanas e portuguesas (Silveira Cardozo, 1976).

O ensino do português numa instituição americana de ensino superior foi iniciado por um padre francês, Peter Babad, membro da Society of St. Sulpice, no St. Mary's College de Baltimore, em 1816. O ensino regular da língua existe na Universidade do Hawaii desde 1939. Para além de numerosas escolas onde o português é ensinado, iniciou-se em 1936 o seu ensino em liceus de Fall River e Oakland (Silveira Cardozo, 1976). Em 1974, 113 instituições de ensino superior ofereciam cursos de português. Esta língua, tal como o italiano ou o francês, tem contudo vindo a perder terreno nos anos mais recentes, o que terá sido a razão fundamental da formação da Portuguese Cultural Society of Greater Fall River, em 1968 (Tavares, 1973).

Na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) e na de Berkeley existem dois centros culturais portugueses (Cabrillo Cultural Institute), assim denominados em homenagem ao descobridor da Califórnia (Silveira Cardozo, 1976). A mais antiga banda de marchas da Nova Inglaterra é a Santo Cristo Band, fundada na Igreja do Santo Cristo em Fall River (Tavares, 1973). Em feriados portugueses, nas praças da conservadora Boston, flutuam bandeiras portuguesas e americanas, grandiosos cartazes e estandartes das associações luso-americanas e retratos de Camões, John dos Passos, Jorge de Sena, Vasco da Gama, John Philip de Souza e Cardeal Medeiros.

### *As Sociedades Fraternais*

Fundamentalmente com intuítos caritativos e humanitários, e tal como o fizeram no Brasil, os imigrantes portugueses nos EUA formaram há muito sociedades nos seus principais centros populacionais. Algumas dessas fraternidades, associações e clubes são indicadas no Quadro 3.2. Em 1874, um grupo de açorianos que trabalham nas fábricas de Erie, PA, fundam a Sociedade Portuguesa da Santíssima Trindade, a mais antiga da costa este; nos estatutos de 1951 a sociedade limita a inscrição a católicos que sejam portugueses ou de ascendência portuguesa (Silveira Cardozo, 1976). Mais tarde abre um ramo em Rochester, NY (a Rochester Portuguese American Association), que viria a tornar-se independente da associação-mãe. A sociedade de Erie fundou o primeiro jornal de língua portuguesa da costa este. No Massachusetts a primeira sociedade a ser criada (1882) foi o Monte Pio Luso-Americano que exigia «bom carácter e capacidade de falar português» como condições de candidatura (Tavares, 1973).

Em 1939, o uso do português era ainda obrigatório nas sociedades beneficentes da Califórnia. A U.P.E.C. é uma das mais antigas e talvez a mais importante das

associações portuguesas nos EUA: em 1928, atingindo o seu *record*, tinha 12491 membros. Só em 1937 seriam emendados os seus estatutos para permitir «quando necessário» o uso do inglês; em 1946 o português e o inglês seriam designados como línguas oficiais. Em 1898 é criada a Sociedade Portuguesa da Rainha Santa Isabel, a união de mulheres portuguesas mais prestigiada e numerosa (13503 membros em 1974) (Silveira Cardozo, 1976). Em 1868 um grupo de imigrantes em São Francisco funda a Associação Portuguesa Protectora e Beneficente do Estado da Califórnia (A.P.P.B.), a primeira organização do género naquele estado, que mais tarde se transformaria numa organização menos étnica e mais ampla, a Benevolent Society of California, que em 1957 se fundiu com a União Portuguesa Continental (U.P.C.) para formar a United National Life Insurance Society (Tavares, 1973). Desta saíam ainda duas divisões com carácter social, cultural e educativo, a Luso-American Fraternal Federation e a Luso-American Educational Foundation (Silveira Cardozo, 1976).

Todas estas associações tiveram um profundo impacto na vida das comunidades, na sua união e sobrevivência dos valores culturais e linguísticos. Algumas delas foram responsáveis pela criação de jornais de língua portuguesa, pela organização de encontros culturais, festas populares e actividades recreativas e desportivas. Fundadas numa sociedade profundamente competitiva e individualista, onde a segurança social era inexistente, o seu intuito era o pagamento dos funerais, a ajuda às famílias dos membros falecidos e o apoio económico na doença. Hoje muitas desapareceram, dando lugar por vezes a importantes instituições de seguros ou de crédito; outras, mais viradas para assuntos culturais ou celebrações de festividades religiosas, sobrevivem e mantêm o seu papel aglutinador e educativo.

### *A Religião*

A igreja, nos Açores como nos Estados Unidos, é para os açorianos não apenas o lugar de culto, mas um importante centro da vida comunitária. A religião funciona pois simultaneamente como aglutinador cultural e físico: as igrejas são um ponto de encontro, um centro de actividades cívicas e culturais e o local privilegiado em torno do qual se realizam os festivais étnicos, geralmente de natureza religiosa.

Em 1874 é inaugurada a primeira paróquia portuguesa em Fall River; hoje foram já ali implantadas mais sete (Silveira Cardozo, 1976). Só os desprevenidos ficarão admirados ao encontrar nos jardins das típicas casas de Nova Inglaterra imagens da Senhora de Fátima e dos pastorinhos. Os cultos do Divino Espírito Santo e do Senhor Santo Cristo, como nos Açores, ou do Santíssimo Sacramento, como na Madeira, são temas centrais das festas religiosas das comunidades da Califórnia e Nova Inglaterra. Pouco depois de 1870 já se celebrava em San Leandro a festa do Espírito Santo.

A religião católica está fortemente arraigada na educação dos açorianos, sendo fundamental à manutenção da comunidade como tal no seio de uma sociedade ainda cheia de preconceitos raciais e religiosos. Mas se o catolicismo constitui importante factor de isolamento é, no entanto, também a ponte que une por vezes em

casamento portugueses a italianos, irlandeses ou polacos. A religião é assim, um dos poucos factores que, mantendo coeso o «isolado», fornece um pretexto para o seu rompimento ocasional, mas não muito significativo. O contraponto é aliás fornecido pelo exemplo da comunidade protestante portuguesa de Jacksonville (deShara, 1951; Pap, 1965). Convertidos por um missionário escocês, 350 madeirenses, seguidos por mais de 300 dois anos mais tarde, fixaram-se no Illinois em 1849, devido às perseguições religiosas de que foram alvo na sua ilha. Apesar do seu número e origem comum, de terem partilhado fortes experiências emocionais e da sua organização fraternal, o seu protestantismo motivou uma rápida aceitação pela população de Jacksonville e a sua completa integração, com perda total de identidade como grupo étnico, ao fim de poucas gerações (Silveira Cardozo, 1976). Quando a religião não é um entrave, a assimilação de outros imigrantes europeus na sociedade americana é muito acelerada, mesmo quando chegam em grandes grupos.

### *A Aculturação*

É indubitável que o isolamento das comunidades portuguesas dos EUA tem vindo a diluir-se gradualmente. A aculturação e diluição desses «isolados» tem sido no entanto mais rápida na Califórnia que na Nova Inglaterra, onde a população portuguesa é em maior número e se encontra fortemente concentrada nos agregados urbanos. Pelo contrário, na Califórnia, onde o peso das tradições e das culturas étnicas foram sempre menores, a população portuguesa tem vivido sobretudo no meio rural e, portanto, mais dispersa e diluída. «Servindo de modelo para o cidadão médio», os portugueses «podem tornar-se bons americanos sem perder a sua cultura», como diz Belmira Tavares (1973). Isto acontece, em parte, porque o padrão cultural do americano médio é bastante baixo e, portanto, não muito difícil de atingir; mas, também porque o norte-americano não tem uma cultura específica, a cidadania americana é compatível com a manutenção do estatuto cultural prévio do imigrante europeu. Aculturação não significa ali perda de identidade cultural, mas a sua integração numa nova sociedade e num novo modo de vida. A aculturação não implica necessariamente miscigenação, embora enfraqueça significativamente as fronteiras do isolado sociocultural.

A elevação do nível educacional dos luso-americanos tem por certo contribuído gradualmente para a sua maior adaptação e integração na sociedade que os rodeia. Em 1930 havia apenas 25 nomes portugueses nas listas de graduação do ensino secundário de Fall River; em 1940 eram já 103, num total de 845; em 1970, um terço dos graduados pelo liceu de Fall River são portugueses, tal como 45 dos 166 graduados pela Southeastern Massachusetts University. A necessidade de defender os interesses da comunidade e a ambição de competir com outros grupos populacionais levaram a que os portugueses se comesçassem a mexer nos terrenos da política americana. Tal implicava, porém, um aumento do eleitorado português. A sua participação política começa em 1920, quando 7% estavam naturalizados; em 1930 eram-no apenas 12%. Em 1926 é fundada, em Fall River, a Liga Cívica (Portuguese

American Civic League), com o propósito de «mostrar à comunidade os benefícios da participação política» e preparar os imigrantes para os exames de naturalização (Tavares, 1973). Durante os anos quarenta, a maioria dos portugueses da cidade naturalizar-se-ia.

Também as guerras em que os Estados Unidos se envolveram (I e II Guerras Mundiais, Coreia e Vietname) contribuíram para a aculturação, pelos sentimentos (independentes das etnias) que desencadearam, pelo sofrimento comum e as experiências que provocaram, pelos benefícios sociais concedidos aos veteranos e a glorificação das vítimas como «heróis *nacionais*», em contraposição a «heróis das comunidades». Soldados de origem portuguesa que se tornaram «heróis de todos os americanos» foram Peter Francisco, herói da guerra da independência, Walter Goulart, o primeiro soldado do exército americano a perecer na I Guerra Mundial, e Charles Braga Jr., a primeira vítima de Fall River na II Guerra Mundial (Silveira Cardozo, 1976). Aos «veteranos» são concedidas facilidades de empréstimo para construção de habitação própria que os motivam a mudar de residência (e de bairro). Os contactos entre si e as experiências vividas são também muitas vezes determinantes de mudanças mais radicais de modo de vida, em direcção à aculturação (Tavares, 1973).

O «isolado cultural» corresponde quase sempre a limites geográficos e residenciais bem delimitados. As mudanças de residência, por acesso a regalias sociais ou melhoria das condições económicas, afastam o luso-americano do «isolado» e dos seus centros de convívio, favorecendo os casamentos fora dele. A depressão económica dos anos vinte (1924 a 1930) seria, paradoxalmente, outro factor importante no aumento dos níveis de educação da comunidade; fechando as portas ao emprego de adolescentes, encorajou muitos deles a prolongarem os seus estudos (Tavares, 1973).

### Os Portugueses e os Nomes de Familiares na América do Norte

#### *Os Primeiros Apelidos Portugueses*

No primeiro censo americano (1790) encontram-se já vários nomes portugueses, a maioria dos quais obviamente judeus: Benjamin e Gershom Seixias (Seixas), Rachel e Joseph Pinto, Rebecca, Isaac M. e Isaac Gomez (Gomes), Mary Ferrara (Ferreira), Isaac e David Navarro, Joseph Silve e Francis Silver (Silva), e Isaac e John Montanye (Montanha) em Nova Iorque, NY; Peter Facundus (Fagundes) e John Telles em Filadélfia, PA; Elizabeth Rozario em Williamsburg, VA; Aaron Lopus (Lopes), e Samuel e Sarah De Costa em Charleston, SC; e John Gonsolve (Gonçalves) em Providence, RI. Não são ainda encontrados nomes portugueses em New Bedford e Nantucket, MA, nem em Newport, RI. As genealogias da judearia americana estão, aliás, repletas de apelidos portugueses: Álvares, Azevedo, Cardozo, Carvalho, Castro, Costa, Crasto, Dias, Duarte, Fernandes, Gomes, Henriques, Jorge, Lima, Louzada, Lucena, Marques, Mendes, Mesquita, Miranda, Monsanto, Morais, Motta, Nunes, Pardo, Pacheco, Passos, Paz, Pessoa, Peixotto, Pimenta, Pimentel, Pinheiro, Pinto,

Portugal, Pretto, Sarzedas, Seixas, Silva, Silveira, Solis, Souza, Touro e Valverde (Silveira Cardozo, 1976).

#### *A Adulteração dos Apelidos*

A adulteração dos nomes de família portugueses nos EUA é certamente sinal de aculturação. Os portugueses prestestantes de Jacksonville (deShara, 1951; Pap, 1965), rapidamente absorvidos na corrente anglo-saxónica, cedo mudaram os seus nomes com vista à mais fácil inserção no novo país: John C. Cherry, Frank Meline, James P. DeMattoes, Art Concellos, John deSouza ou Frank Martin são alguns exemplos (Silveira Cardozo, 1976).

Mas existem outras razões para a adopção de formas modificadas ou mesmo apelidos completamente diferentes. Uma dessas razões, talvez das mais importantes no princípio do século e antes, era o analfabetismo dos próprios imigrantes, que por vezes não sabiam sequer escrever o seu próprio nome. Analfabetos ou não, as barreiras da língua começavam logo a impôr-se na chegada à alfândega. Os funcionários da imigração não conseguindo entender ou soletrar os nomes portugueses, escreviam-nos conforme lhes soavam ou como os nomes anglo-saxónicos que mais se lhe aproximavam. Muitos são, ainda hoje, os luso-americanos que sabem referir essa razão para a mudança nos apelidos de seus pais e avós. Um desses casos era o de Francis Millet Rogers, professor de línguas e literatura portuguesa em Harvard, interveniente em reuniões e publicações sobre os Açores e a DMJ (Fowler *et al.*, 1977; Rogers, 1979; Rosenberg e Fowler, 1981). O nome de seu pai, João da Rosa, seria escrito como John Rogers nos papéis de imigração e assim passou a ser conhecido (Silveira Cardozo, 1976). Outro exemplo é o de Harold Peary, conhecido actor californiano. Nascido como Harold José Pereira da Silva em San Leandro, em 1908, decidiu mudar o seu nome para Harold Perry; contudo, um jornalista, ao escrever o seu nome como Peary (o nome do descobridor do Pólo Norte), acabaria por ser responsável por uma nova mudança, que o actor adoptou (Silveira Cardozo, 1976).

Outras vezes são os próprios imigrantes ou seus descendentes que acabam por mudar o nome, ao vê-lo repetidamente mal pronunciado ou mal escrito, para evitar os inconvenientes que daí advêm. Mas nem sempre as alterações são do conhecimento dos seus descendentes actuais, que por vezes ignoram o nome original dos antepassados.

#### *Os Padrões de Mudança nos Apelidos*

No Quadro 3.3 é apresentada uma lista com algumas mudanças encontradas, fruto de inquérito sistemático junto de famílias luso-americanas (algumas das quais com a DMJ) e de inúmeros exemplos contidos na literatura sobre os portugueses dos EUA (Silveira Cardozo, 1976; Tavares, 1973; Guill, 1972; Vaz, 1965; Williams, 1982; San-Payo, 1985). Em primeiro lugar é indicado o nome original segundo a sua escrita actual; a evolução ortográfica de certos nomes (Cardozo, Louzada, Mattos, Motta, Peixotto, Pretto, Vasconcellos) não foi considerada como mudança de forma. Na segunda coluna indicam-se as formas corrompidas encontradas e um código respeitante ao tipo de mudança ocorrida.

Por vezes nota-se que houve uma preocupação com o significado do nome original; em outros casos a preocupação maior parece ter sido com a sua pronúncia. Outras vezes ainda a vontade de evitar erros na escrita do novo nome parece ter conduzido a uma adulteração sem preservação de significado ou de fonética. Pode-se assim verificar que há vários padrões de mudança possíveis (Quadro 3.4). Para um nome como Rogers, foram encontrados quatro apelidos diferentes.

Por vezes deu-se a substituição de um nome por outro diferente, por razões que não são conhecidas nem aparentes (Machado/Clark); ou então a queda pura e simples do apelido original (Bastiana) levou à adopção de um nome próprio (José/Joseph) ou mesmo de uma alcunha («Grande»/Grant) como apelido. Em alguns casos, em que o apelido tem um significado representativo, parece ter havido a preocupação de manter esse significado, pela sua tradução literal ou aproximada (Branco/White, Carvalho/Oaks, Rocha/Stone, Ferreira/Smith).

Quando uma tradução não era possível, recorreu-se por vezes à adopção de um nome anglo-saxónico próximo (Marques/Mark) ou foneticamente parecido (Rodrigues/Roderick). A preocupação em preservar a fonética do nome original conduz por vezes à opção de escrevê-lo tal e qual como se pronuncia em inglês (Freitas/Frates). A dificuldade de escrita e, sobretudo, de pronúncia de certos nomes será também causa de evolução para formas inexistentes, mas mais fáceis para americanos (Gonçalves/Gonsolve); essa forma mais fácil é, muitas vezes, a substituição por uma forma espanhola (Álvares/Alvarez) ou «espanholada» (Medeiros/Medieros), a que os americanos estarão mais acostumados, ou a amputação do nome primitivo (Vasconcellos/Concellos). Certas mudanças são, porém, difíceis de codificar por se situarem numa via intermédia ou em várias das vias indicadas.

Para estudos genealógicos, seja no inquérito familiar (para estudo e aconselhamento genético), seja na procura das origens de uma doença genética como a DMJ, levantam-se muitas vezes dificuldades à identificação dos nomes que o conhecimento destes padrões habituais de deturpação dos apelidos pode ajudar a vencer.

### Bibliografia

- Anderson, G.M.; Higgs, D. 1976. *A Future to Inherit: Portuguese Communities in Canada*. Toronto, McClelland and Stewart.
- Ávila de Azevedo, R. 1984. Os Açores e o Atlântico (Séculos XIV-XVII). *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*. Angra do Heroísmo, vol. XLI: 95-107.
- Centro de Estudos Demográficos. 1987. *População Residente por Distritos (Grupos Etários) e Concelhos-1986* (Estimativa). Lisboa, Instituto Nacional de Estatística.
- Cortesão, J. 1940. *Cadernos da Seara Nova*. Lisboa: 45.
- Coutinho, P.; Andrade, C. 1978. Autosomal dominant system degeneration in Portuguese families of the Azores Islands: A new genetic disorder involving cerebellar, pyramidal, extrapyramidal and spinal cord motor functions. *Neurology*, 28:703-709.

- Coutinho, P.; Calheiros, J.M.; Andrade, C. 1977. Sobre uma nova doença degenerativa do sistema nervoso central de modo autossómico dominante e afectando familiares originários dos Açores. *O Médico*, 82:446.
- Coutinho, P.; Sequeiros, J. 1989. Familial amyloidotic polyneuropathy and Machado-Joseph disease: Two rare autosomal dominant neurologic diseases in the same family - The «Iiyama type» of FAP? (Abs.) *American Journal of Human Genetics*, 45:A43.
- deShara, W. 1951. Group from Madeira islands settled in Jacksonville, Illinois, 102 years ago. *Standard-Times* (New Bedford, MA), May 20.
- Ferro, M.J.P. 1979. *Os Judeus em Portugal no Século XIV*. Lisboa, Guimarães & Cº. Editores.
- Ferro Tavares, M.J.P. 1984. *Os Judeus em Portugal no Século XV*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, vol. II.
- Fowler, H.L.; Magalhães, J.; Rogers, F.M. 1977. Azorean disease of the nervous system (Letter). *New England Journal of Medicine*, 297-729.
- Gilbert, M. 1978. *Atlas de la Historia Judía*. Jerusalém, La Semana Publicaciones Ltª.
- Guill, J.H. 1972. *A History of the Azores Islands*. Menlo Park, Califórnia (edição do autor).
- International Joseph Diseases Foundation, 1978 - *International Joseph Disease Newsletter*.
- Immigration and Naturalization Services, 1977. *Annual Report*. Washington, D.C.
- MacLeod, P.M.; Hashimoto, S.; Eisen, A.; Suchowersky, O. 1984. Machado-Joseph's disease: A report of 2 Portuguese-Canadian Kindreds and a review of the literature (comunicação pessoal). Kingston, Ontario.
- Morrison, S.E. 1971. *The European Discovery of America: The Northern Voyages A.D. 500-1600*. New York, Oxford University Press.
- Nakano, K.K.; Dawson, D.M.; Spence, A. 1972. Machado disease: a hereditary ataxia in Portuguese emigrants to Massachusetts. *Neurology*, 22:49-55.
- Pap, L. 1965. *Actas do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*. Coimbra, vol. I: 5-15.
- Pereira Costa, J. 1984. Os Açores e o Atlântico (Séculos XIV-XVII). *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*. Angra do Heroísmo, vol. XLI: 28-94.
- Pereira, M.G.P.S. 1985. *A Posição Socioeconómica dos Emigrantes Portugueses e Seus Descendentes nos Estados de Massachusetts e Rhode Island (U.S.A.)*. Porto, Secretaria de Estado da Emigração, Centro de Estudos.
- Rogers, F.M. 1979. *Atlantic Islanders of the Azores and Madeira*. North Quincy, Massachusetts, Cristopher Publishing House.
- Romanul, F.C.A.; Fowler, H.L.; Radvany, J.; Feldman, R.G.; Feingold, M. 1977. Azorean disease of the nervous system. *New England Journal of Medicine*, 296:1505-1508.

- Rosenberg, R.N.; Fowler, H.L. 1981. Autosomal dominant motor system disease of the Portuguese: A review. *Neurology*, 31:1124-1126.
- Rosenberg, R.N.; Nyhan, W.L.; Bay, C. 1976. Autosomal dominant striatonigral degeneration: A clinical, pathological, and biochemical study of a new genetic disorder. *Transactions of The American Neurological Association*, 101:1-3.
- San-Payo, U. 1985. *Os Portugueses na Califórnia*. Porto, Secretaria de Estado da Emigração, Centro de Estudos.
- Sequeiros, J.; Coutinho, P. 1981. Genetic aspects of Machado-Joseph disease. *Brotéria Genética*, 77:137-147.
- Sequeiros, J. 1986. *Symposium on Peripheral Neuropathies*. Sales Luís M.L.; Bigotte de Almeida L.; Costa P.P. (ed.). Lisbon: 251-259.
- Sequeiros, J. 1989a. *Análise Genética das Causas da Variação Fenotípica na Doença de Machado-Joseph* (tese de doutoramento). ICBAS, Univ. Porto.
- Sequeiros, J. 1989b. Rise, travels, and vicissitudes of a mutant gene: Genetic epidemiology of Machado-Joseph disease (Abs.) *Clinical Research*, 37:870A.
- Sequeiros, J. 1989c. Genetic models for phenotypic variation in Machado-Joseph disease. (Abs.) *American Journal of Human Genetics*, 45:A248.
- Silveira Cardozo, M. 1976. *The Portuguese in America (590 B.C.- 1974): A Chronology & Fact Book*. Dobbs Ferry, NY, Oceana Publications, Inc.
- Silveira Pires, J.J. 1968. Povoamento do Faial - Ensaio. *Separata do Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 5:1-23.
- Tavares, B.E. 1973. *Portuguese Pioneers in the United States*. Fall River, M.A.; R.E. Smith Printing Cº, Inc.
- US Bureau of the Census. 1983. *1980 Census of the Population, Supplementary Report: Ancestry of the Population by State*. Washington, D.C.: U.S. Department of Commerce.
- Vaz, A.M. 1965. *The Portuguese in California*. Oakland, CA: I.D.E.S. Supreme Council.
- Verlinden C. 1984. Os Açores e o Atlântico (Séculos XV-XVII). *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*. Angra do Heroísmo, vol. XLI: 298-308.
- Williams, J. 1982. *And Yet They Come - Portuguese Immigration From the Azores to the United States*. New York, Center for Migration Studies: 1-9.
- Woods, B.T.; Schaumburg, H.H. 1972. Nigro-spino-dentatal degeneration with nuclear ophthalmoplegia: A unique and partially treatable clinico-pathological entity. *Journal of Neurological Sciences*, 17:149-166.

**Quadro 3.1. Imprensa portuguesa dos EUA**

---

Jornal de Notícias, (este) (c. 1877-?)  
A Voz Portuguesa, San Francisco, CA (1880, 1884-1885)  
O Luso-Americano, New Bedford, MA (c. 1881-?)  
A Civilização Luso-Americana, Boston, MA (c. 1883-?)  
Progresso Californiense, San Francisco, CA (1885-1886)  
O Luso-Havaiano, Honolulu, HI (1885-1891)  
União Portuguesa, San Francisco, CA (1887-1940)  
O Amigo dos Católicos, San Jose, CA (1888-1896)  
Jornal Português, Oakland, CA (1888-)  
Aurora Havaiana, Honolulu, HI (1889-1891)  
O Novo Mundo, New Bedford, MA (1890-?)  
A Pátria, Oakland, CA (1891-1897)  
A Sentinela, Honolulu, HI (1892-1896)  
A Chronica, San Francisco, CA (1895-?, 14 números)  
As Boas Novas, Honolulu, HI (1896-1905)  
O Arauto, Oakland, CA (1896-1917)  
O Luso, Honolulu, CA (1896-1924)  
O Direito, Honolulu, HI (1896-1898)  
O Repórter, Califórnia (1897-1916)  
Boletim da UPEC/UPEC Life, San Leandro, CA (1898-)  
A Voz Pública, Hilo, HI (1899-1904)  
Boletim da IDES, San Jose, CA (1899-)  
A Liberdade, Honolulu, HI (1900-1910)  
A Liberdade, Sacramento, CA (1900-1936)  
Boletim da SPRSI, Oakland, CA (1901-)  
A Setta, Hilo, HI (1903-1921)  
O Imparcial, Sacramento, CA (1903-1932)  
Portugal-América, Fresno, CA (1905-1905)  
O Facho, Hilo, HI (1906-1927)  
Hawaii Herald, Hilo, HI (?)  
Advertiser, Honolulu, HI (?)  
A Voz da Verdade, Oakland, CA (1908-1909)  
As Novidades, Fall River, MA (1908-1940)  
O Popular, Honolulu, HI (1911-1913)  
O Lavrador Português, San Joaquin Valley, CA (1912-1927+)  
A Califórnia Alegre, Oakland, CA (1914-?)  
O Portugal, New Bedford, MA (1914-1916?)  
A Revista Portuguesa, Hayward, CA (1914-1925)  
O Mundo, Califórnia (1915-?)  
O Jornal de Notícias, San Francisco, CA (1917-1932)  
A Alvorada, New Bedford, MA (1919-1920)  
Diário de Notícias, New Bedford, MA (1922-1925)  
O Cosmopolitano, Fairhaven, MA (1922-1925)  
A Abelha, San Francisco, CA (1924-?)  
A Colônia Portuguesa, Califórnia (1924-1932)  
A Crónica Portuguesa, San Leandro, CA (1926, 2 núm.)  
Portugal-América, Cambridge, MA (1926-1929)  
Luso-Americano, Newark, NJ (1928-)  
O Portugal, Oakland, CA (1930-?)  
Portugália, CA (1931-?)  
Oakland Tribune, Oakland, CA (?)  
As Novidades, Oakland, CA (1933-1933)  
O Progresso, Sacramento, CA (1933-1940)  
O Heraldo, Oakland, CA (1933-?)  
O Clarim, Oakland, CA (1934-1936)  
Ecos de Portugal, Oakland, CA (1934-)  
A Luta, New York, NY (1935-)  
The Portuguese Tribune, CA (1979)  
The Lusitanian, ? (1940s-1955)  
Voz de Portugal, Hayward, CA (1960-)  
O Companheiro da Alegria, Hayward, CA (1961-)  
Standard Times, New Bedford, MA (?)  
Portuguese Times, Newark, NJ (1972-)  
Novidade, 1983  
Notícia, 1984

---

### Quadro 3.2 Sociedades de Portugueses nos EUA

- 
- 1874, New Orleans, LA - Lusitanian-Portuguese Benevolent Association  
 1868, San Francisco, CA - Portuguese Protective and Benevolent Association of the City and County of San Francisco (Associação Portuguesa Protectora e Beneficente do Estado da Califórnia, ou A.P.P.B.)  
 1874, Erie, PA - Portuguese Society of the Most Blessed Trinity (Sociedade Portuguesa da Santíssima Trindade)  
 1876, San Leandro, CA - Portuguese Brotherhood of the State of Califórnia (Irmandade Portuguesa do Estado da Califórnia)  
 1877-1938, Hawaii - Sociedade Portuguesa de Santo António Beneficente do Hawaii (Portuguese Benevolent Society of St. Anthony of Hawaii)  
 1880, Hawaii - Brotherhood of the Holy Ghost and of the Holy Trinity  
 1880, San Leandro, CA - União Portuguesa do Estado da Califórnia (U.P.E.C., ou Portuguese Union of the State of California)  
 1882, New Bedford, MA - Monte Pio Luso-Americano  
 1887, San Jose, CA - Irmandade do Divino Espírito Santo (I.D.E.S., ou Brotherhood of The Divine Holy Ghost)  
 1895, Honolulu, HI - Kalihi Holy Ghost Society  
 1895, Santa Clara, CA - Sociedade do Espírito Santo (S.E.S.)  
 1898, Oakland, CA - Sociedade Portuguesa Rainha Santa Isabel (S.P.R.I.)  
 ? , Hawaii - União Lusitano-Hawaitana  
 ? , União Portuguesa Continental (U.P.C.)  
 1901, Hayward, CA - União Portuguesa Protectora do Estado da Califórnia (U.P.P.E.C.)  
 1905, Honolulu, HI - A Pátria  
 1913, Oakland, CA - Associação Protectora União Madeirense do Estado da Califórnia (União Madeirense, A.P.U.M.E.C.)  
 1916, Honolulu, HI - Sociedade da Caridade Portuguesa (Portuguese Charity Society)  
 1917, Oakland, CA - Federação Fraternal Luso-Americana /United Life Insurance  
 1924, Fall River, MA - Associação Beneficente Aliança Portuguesa (Portuguese Alliance Benevolent Society, Inc.)  
 1925, Pawtucket, RI - União Portuguesa Beneficente (Portuguese Beneficent Union)  
 1925, Boston MA - União Portuguesa Continental dos Estados Unidos da América (Portuguese Continental Union of the USA)  
 1926, Fall River, MA - Portuguese American Civic League  
 1930, Oakland, CA - Irmandade de Santa Maria Madalena (Confraternity of St. Mary Magdalene)  
 1932, San Francisco, CA - Dom Nuno Club / Cabrillo Civic Club  
 1936, San Diego, CA - Portuguese-American League  
 1937, Oakland, CA - Irmandade de Santo Christo de Socorros Mortuários (I.S.C.S.M.)  
 ?-1938, - Sociedade Lusitânia Beneficente  
 1939, Newark, NJ - Associação Fraternal Luso-americana  
 1930s, Rochester, NY - Rochester Portuguese American Association  
 1940, San Diego, CA - Portuguese-American Social and Civic Club  
 1941, Hilo, HI - Chamarrita Club  
 1944, New Bedford, MA - Portuguese Educational Society  
 1945, New York, NY - Portuguese-American Progressive Association  
 1945, New York, NY - Portuguese-American Citizens Club  
 1959, San Francisco, CA - União Macaense Americana  
 1968, Fall River, MA - Portuguese Cultural Society of Greater Fall River  
 1969, New Bedford, MA - Fundação Beneficente Faialense (Beneficent Foundation of Faial)  
 1971, Honolulu, HI - Crianças de Portugal (Children of Portugal)  
 1972, Honolulu, HI - Passarinho de Portugal (Little Bird of Portugal)  
 1973, Los Angeles, CA - Centro Cultural Cabrilho  
 1974, Fall River, MA - Our Lady of Light Society  
 1975, San Jose, CA - Portuguese Organisation for Social Services and Oportunities/Centro da Comunidade Portuguesa  
 1976, San Francisco, CA - Portuguese Americans for Political Action  
 1977, San Diego, CA - Aliança Açoreana  
 1977, San Diego, CA - Centro Histórico Português  
 ? , Santa Clara, CA - Irmandade de Santo António  
 ? , Fraternidade Portuguesa dos Estados Unidos  
 ? , Real Associação Benemérita Autônômica Micaelense, Inc.  
 ? , San Jose, CA - Portuguese Athletic Club
-

Quadro 3.3. Apellidos portugueses modificados nos EUA

Álvares	Alvarez (7)
Ávila	Alvia (10)
Bastiana	Joseph (José) (2), Grant («Grande») (3)
Botelho	Butler (6)
Branco	White (4)
Bulhões	Bollon (5)
Cardoso	Cardoza (10)
Carvalho	Oakes (4)
Cerejo?	Cherry (4)
Curto?	Curt (6)
de Amarante	Demarante (8)
Freitas	Frates (5)
Gonçalves	Gonsalves (9), Gonsolve (10)
Graça	Grace (4)
Enes	Enos (10)
Ferreira	Ferriera (10), Smith (4), Ferrara (5)
Florêncio	Florence (4)
Jorge	George (4)
Joaquim	King (5)
Lima	Lema (5)
Lourenço	Lawrence (4)
Machado	Clark (1)
Marques	Mark (6)
Martinho	Morton (6)
Martins	Martin (6)
Matos	Woods (4), deMattoes (5)
Medeiros	Medeiros (10)
Mendonça	Mendonza (7), Mendoza (10)
Moniz	Monise (5)
Moreno	Brown (4)
Oliveira	Oliver (6); Oliviera (7)
Pedro	Stone (4)
Pedrosa	Stone (4)
Pereira	Perry, Peary (6); Periera (10)
Pimentel	Pimental (5)
Pinheiro	Pine (4)
Reis	King, Kings (4); Rais (5)
Rocha	Rogers (6)
Rodrigues	Roderick (6); Rogers (6)
Rosa	Rogers (6), Rose (4)
Seixas	Seixias (10)
Silva	Silve, Silver (5); Sylvia, Silvia (10)
Silveira	Sylvia(10); Silverra, Silviera, Silvera (7)
Silvestre	Sylvester (4)
Simas	Seamas (5), Symes (10)
Soares	Rogers (1)
Tomás	Thomas (6)
Vasconcelos	Concellos (8)
Veloso	Veloza (10)
Vieira	Vierra (10)
Vitorino	Victorcen (5)

**Quadro 3.4. Padrões de corrupção de apelidos portugueses nos EUA**

---

- (1). Substituição por outro apelido
  - (2). Substituição por nome próprio
  - (3). Substituição por uma alcunha
  - (4). Tradução literal, ou aproximada
  - (5). Transcrição fonética, exacta ou aproximada
  - (6). Adopção de um nome anglo-saxónico de som semelhante
  - (7). Mudança para uma forma «espanholada» do nome
  - (8). Contração e/ou amputação de parte do nome
  - (9). Adaptação ortográfica
  - (10). Outra mudança para forma mais fácil, mas inexistente
-